

## considerações sôbre a falência

CARLOS NEJAR

Imprevisto é o sorriso.  
E no imprevisto deus, o deus perdido  
o que ficou no atraso, sem recibo,  
o deus expulso de seu paraíso,  
por golpe de estado.  
O deus, o deus. Que deus?

O que amamos com ira.  
O que inventamos, hábeis.  
O que levamos na carroceria.  
O que lavamos com o mar.

Imprevisto é o sorriso,  
o cargueiro do ar, o ríctus.  
Imprevisto é o sorriso,  
quando falimos.

Museu de órfãos e ausentes,  
há sempre um deus na crina,  
quando falimos.  
E a alma pergunta  
em cada coisa,  
quando falimos.  
Esconde o que não ousa.

Usamos a matéria de amor  
no paletó, no cós da calça.  
Com matéria de amor  
bato o refrão,  
a possessão e seus confins,  
o negro cão movido por meus fins  
e o mais que abdiquei ou pretendi.

Imprevisto é o sorriso  
e falir é previsto  
como as culpas e os vícios  
e seu dicionário  
tem palavras de crise, crime.

Com matéria de amor somos sublimes;  
com matéria de amor se abre o reino.  
Com matéria de amor nos destruimos.  
E falimos sem remédio ou prêmio.

Afinal  
não é questão de método  
ou métrica,  
emprêgo de capital,  
civismo.

Falir é esquecer a vida,  
largando-a, incômoda,  
em nossas dívidas.  
Depor as faculdades de ir e ouvir  
num armazém  
de secos e molhados.  
Esquecer partindo  
ou partir esquecendo  
pela metade, em partes  
ou rendimentos.

Não vale o crédito  
de haver vivido;  
falimos  
com altos méritos.

Não vale o nexa  
desta peleja  
e o mais  
que seja.

Não vale o espectro  
de haver morrido  
com os deslizes  
de quem germina.

Ninguém nos salva  
desta falência  
de estar na ceia  
sem ser conviva.

Quem não faliu,  
que o diga!

Quem não faliu no pecúlio  
ou na bolsa de valôres,  
no amigo, no inimigo,  
com orgulho,  
quem não faliu no curtume,  
no sindicato, no áspero,  
no aço do assassino?

Quem não faliu no equilíbrio?

Falir é tudo o que existe.  
Imprevisto é o sorriso.

(De "Ordenação Primeira",  
Resgate — inédito)

## desígnio

CARLOS NEJAR

*O grande cão Cérbero, reclinado, imenso no átrio  
fronteiro, faz soar estes reinos com o latido  
das três goelas. Virgílio, Eneida.*

Um cão farejou a minha sorte  
e late contra o peito onde me agito.  
As patas depositam-se fortes  
sôbre a rocha do não: jazo no grito.

Um cão me farejou no insondável  
monjolo, no pala, no calar-se,  
onde a morte desfaz e a morte-haste  
rebrotta sôbre os pêlos em desordem.

Um cão me negreja em tôda a parte  
e morde minha paz e a eterna face  
do ser que em mim depõe para encontrar-se,  
enquanto a barca vem e a barca parte.

## inscrição

CARLOS NEJAR

Aqui estou, aberto o pórtico.  
Serei breve no amor e no transporte.  
O óbolo está pago, o dia resgatado  
e a barca pronta, com seu barqueiro amargo.

Aos deuses não ousa nada,  
nem compro,  
senão o intervalo  
de meu próprio espanto.

Carregai-me, barca.  
E ainda canto.

## septenário do amor

ARMINDO TREVISAN  
(Fragmento)

Se o amor fôr como um sôpro que partiu,  
por entre dentes, de um coração formoso,  
talvez o som da flauta diga ao ar.

Aquilo que do ar lhe veio vindo  
e assim se saiba, ao certo, o que é o amor  
à orla de uma eterna despedida.

Vigiai os olhos lípidos da amada:  
ah! como são repletos de agonias,  
e em cada um dêles a flecha está parada!

Para se amar, de um amor sem limites,  
convém não esperar do amor senão  
o pouco que a noite tem de seu,

e o muito que ela espera sem saber.

## o canto da lucidez

ARMINDO TREVISAN

A vida me disse o seu nome,  
estou maduro para a tragédia.  
Ja minha carne não ignora  
o que meu corpo cobiçava.

Estou maduro, eis tudo. Nada  
posso contra esta imprevisível  
violência que me arremessa  
às coisas mais nuas e cruas.  
Estou maduro. Estou maduro,  
poucos se apercebem do meu  
bravo, terrível privilégio.

Os homens e as mulheres me olham  
como se eu fôsse um forte.  
Olham para mim e me invejam:  
me invejam os músculos,  
me invejam o olhar,  
me invejam o amor, a insolência,  
me invejam tudo. E não compreendem  
que não me importa o que é forte,  
o que é rútilo, o que é insolente,  
o que é amoroso. A culpa  
é dêles, exclusivamente  
dêles, pois jamais disse  
que eu era um forte, ou que amava.

Estou maduro. Verifico  
que estou maduro. Basta.

Agradeço aos que me desprezam  
porque possuo demasiada  
lucidez para um forte. Grato  
sou à humanidade, em geral  
por exigir de mim funções  
específicas mas eficazes.

Agradeço ainda aos maduros,  
como eu, a devida importância.

No que me diz respeito, vejo  
que já não posso me enganar.

Finalmente, com liberdade  
posso perder-me. E contudo  
posso salvar-me. É a hora  
da minha total liberdade.